

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

THE CONSTITUTION OF THE TEACHING PROFESSIONAL IDENTITY

Dirno Vilanova da Costa*

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discutir a construção da identidade do professor na perspectiva da psicologia social. Compreendemos que o ser humano é dotado de um núcleo ou essência interior que é formado e modificado a partir de um diálogo contínuo com o mundo cultural exterior. Dessa forma questionamos: Como ocorre a constituição da identidade profissional do professor? Quais relações sociais determinam a constituição da identidade destes profissionais? Entendemos q identidade corresponde ao modo de ver, sentir, pensar e agir sobre o mundo. O homem é uma totalidade que se realiza materialmente no tempo e no espaço e, ao mesmo tempo, é uma individualidade, parte dessa totalidade. Tendo isso em vista, concebe-se a identidade como uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, mas, ao mesmo tempo, una. Por mais que haja contradições no modo de ver, pois se pode mudar com o tempo, o *eu* permanece em sua essência: único, singular e reconhecido como tal. Portanto, a identidade explicita-se de várias maneiras, a partir de uma rede de representações que permeia todas as relações, onde uma identidade reflete a outra. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como base os estudos empreendidos por Ciampa (1987, 2005), Dubar (2005), Silva (2000), Garcia (2009), entre outros. Ao final, depreende-se a que constituição da identidade docente é processual, e percorre um movimento dialético de contradições na realidade social.

Palavras-chave: Identidade. Educação. Psicologia social.

ABSTRACT

This article aims to discuss the construction of the teacher's identity from the perspective of social psychology. We understand that the human being is endowed with an inner core or essence that is formed and modified based on a continuous dialogue with the external cultural world. Thus, we ask: How does the constitution of the teacher's professional identity occur? What social relations determine the constitution of the identity of these professionals? We understand that identity corresponds to the way of seeing, feeling, thinking and acting on the world. Man is a totality that is materially realised in time and space and, at the same time, he is an individuality, part of that totality. In view of that, identity is conceived as a contradictory, multiple and changeable totality, but, at the same time, one. As much as there are contradictions in the way to see things, because it can change over time, the *self* remains in its essence: unique, singular and recognised as such. Therefore, identity is made explicit in several ways, from a network of representations that permeates all relationships, where one identity reflects the other. In this perspective,

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Pedagogo do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus São Raimundo Nonato – PI. dirnovilanova@gmail.com

the present work is based on the studies undertaken by Ciampa (1987, 2005), Dubar (2005), Silva (2000), Garcia (2009), among others. At the end, one realises that the constitution of the teaching identity is procedural and goes through a dialectical movement of contradictions in social reality.

Keywords: Identity. Education. Social Psychology.

Introdução

A concepção de identidade está presente em várias abordagens, a exemplo das teorias psicológicas, sociológicas e antropológicas, Os conceitos e discussões serão produzidas com base nos estudos de Ciampa (2005), Dubar (2005), Gatti (1996, 2009), Silva (2000), Woodard (2005), Vigostki (2010) entre outros.

No presente trabalho, o enfoque das discussões recai especialmente nas perspectivas psicossociais e políticas desse conceito. As diversas abordagens sobre o conceito de identidade fundamentam-se em perspectivas epistemológicas mais amplas, as quais demandam uma discussão acerca das concepções de sujeito e conhecimento que lhes dão origem.

Ao afirmar quem eu “sou” ou perguntar quem “você é”, questiona-se a identidade, colocada em sentido estático, a fim de demarcar uma identidade atribuída, pressuposta, requisitada ou auto afirmada.

A propósito, Ciampa (2005) atinou para o fato de que o ser humano é uma totalidade que se realiza materialmente no tempo e no espaço e, ao mesmo tempo, é uma individualidade parte dessa totalidade, erigida por intermédio das relações sociais que materializam sua vida e assumem outras identidades, que podem superar a identidade presumida ou apenas repor a já posta.

Nesse movimento, mediante condições materiais e reais de existência, e pela sua autodeterminação, o sujeito poderá vir a se emancipar, o que o referido autor denomina de *metamorfose*. Nessa concepção, a identidade é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, intermediada por um processo de contradições do mundo social, histórico e cultural.

Uma vez que a identidade é social, não pode ser separada da sociedade, pois as múltiplas formas de apresentá-la estão relacionadas com as diversas configurações do social. Embora o sujeito seja uma totalidade, em cada situação da vida ele externa uma de suas partes, como se fosse um desdobramento de suas múltiplas configurações. Então,

a identidade evidencia-se de várias maneiras, a partir de uma rede de representações que permeia todas as relações, em que uma identidade reflete a outra.

Dessa forma, Ciampa (2005) afirma que a socialização é mediada pelos sujeitos (professores) na atividade, nos espaços de construção e diálogo, bem como na ressignificação e reflexão sobre a atividade. Nesse sentido, depreende-se que a formação humana, no contexto educacional, é social, um direito subjetivo, de cunho emancipatório e de transformação, cuja formação é identitária, conforme referido por Ciampa (2005, p. 55): “[...] a identidade é uma questão política, pois ela está imbricada tanto na atividade produtiva de cada indivíduo quanto nas condições sociais e institucionais [...]”.

À vista disso, pretende-se discorrer sobre o movimento de constituição da identidade docente, interposta pelos significados sociais da profissão. Nesse âmbito, a identidade é (re) construída na atividade humana, pois segundo Habermas (1987), a estruturação da identidade não pode ser dissociada de dois sistemas estruturantes: a atividade instrumental (processos de trabalho, finalidades econômicas etc.) e a atividade comunicacional (a interação entre os indivíduos).

Contudo, compreende-se que essa relação vai além, uma vez que a identidade é relacional, construída pelos grupos de pertença, pelos atos de atribuição, pela pressuposição, pela reposição e, ainda, pela superação. Identidade é, pois, o movimento dialético do homem com a realidade material e as suas condições de existência.

1 Identidade profissional docente: desvelando a possibilidade de vir a ser

Sendo processo, a identidade define-se nas relações vividas no cotidiano. Pode-se dizer que sua construção ocorre à medida que o indivíduo se vê como pessoa, participante de um grupo com características próprias, que procura identidade enquanto ser social, e a constrói na individualidade como ser único.

Diante disso, nossa formação enquanto pessoas e como profissionais é influenciada pelos mais variados aspectos da vida humana: psicológicos, filosóficos, históricos, cultural, entre outros. A partir desses condicionantes, formamos uma identidade, que intervirá na vida profissional e pessoal, e atravessará a nossa vida. Ao realizarmos as mais variadas atividades (físicas, intelectuais), revelamos a nossa identidade pessoal e profissional, que nos torna seres únicos e insubstituíveis, pois cada um tem uma maneira própria de direcionar o trabalho e encontrar soluções para os problemas, Garcia (2009, p. 77), assim explica:

[...] a identidade profissional é a forma como os professores definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do “si mesmo” profissional que evolui ao longo da carreira docente e que pode se achar influenciada pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos, que inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre o que ensinam, assim como sobre o ensino.

Nesse cenário é que se faz necessário discutir nossa identidade, quem somos e o que fazemos, pois consoante Silva (2000), a identidade do professor depende, em grande parte, da apropriação das experiências forjadas na dinâmica histórica da escola (brasileira), de pertencer ao grupo social, o professorado, de sua participação em interações socializadoras com os pares.

A identidade dos professores é resultado da formação, das vivências, do trabalho, da inserção em determinado momento histórico e social. Como ressaltado por Pimenta (1996) e Silva (2000), a identidade não é um dado imutável nem externo, que possa ser adquirido, mas é um processo de construção do sujeito, historicamente. Dessa forma, a história, a relação dialética do homem com outros homens, deste com a natureza, dirigido pela atividade significada, torna-o humano.

O mundo contemporâneo - onde vivenciamos os diferentes contextos materiais de vida, as desigualdades sociais profundas, a naturalização de todas as formas de violência, as intolerâncias, as condições de trabalho do professor e do aluno - vem formando novos significados acerca da profissão docente.

No que se refere à educação escolar, constata-se que ela não tem se adequadado às exigências da população envolvida, nem das demandas sociais, o que nos leva a questionar sobre a importância de definir a nossa identidade profissional como professores.

É necessário construir novas identidades para o professor de hoje, na mediação das relações que estabelecem na atividade docente enquanto prática social. Para Marx (1844), o tema *prática social* associa-se à autotransformação. Na ação social, os homens transformam o mundo externo ao mesmo tempo em que transformam a eles mesmos.

Essa autotransformação requer, acima de tudo, mudança, consciência crítica e luta de classes, pois diante desse cenário de globalização, não há mudança sem embate social, sem promover discussões com espaços mais amplos, a exemplo de organizações sociais, movimentos sociais, entre outros, a fim de combater ou enfrentar o sistema opressivo de ideologia do capital. Para Garcia (2009, p. 114),

[...] a história da profissão docente foi rebocando um *déficit* de consideração social, baseado, segundo alguns, nas características específicas das condições de trabalho que fazem com que ela se assemelhe mais à “ocupação” do que às verdadeiras profissões, como medicina e direito.

Fica evidente que os significados sociais em relação à docência não dão suporte para a geração de sentimentos positivos ou que desencadeiem novas elaborações sobre o *ser professor*. Ao relacionar a docência apenas como “ocupação”, estimula-se um sentimento de depreciação do trabalho docente, ao não o situar no campo profissional.

Por outro lado, os significados sociais da profissão vão se desenvolvendo, porque ela requer saltos qualitativos, via políticas educacionais direcionadas para o desenvolvimento docente. Tais políticas devem valorizar o professor, construindo novos significados sociais, de modo que as práticas pedagógicas sejam diferenciadas, novos valores e conhecimentos produzidos, relacionando o humano, o social e o histórico sob uma dimensão dialética do vir a ser.

De acordo com Afanassiev (1982), o homem tem a sua capacidade de conhecer e transformar a sua realidade, ou seja, por meio de sua atividade e consciência, transforma a si e a sua natureza. Nessa lógica, a consciência diz respeito às capacidades de o homem refletir conscientemente acerca da realidade, não sob qualquer reflexo, mas aquele que constitui uma forma superior, qualitativamente nova, que não se adapta simplesmente ao meio ambiente, mas que influi sobre ele, transformando-o graças aos conhecimentos adquiridos. A consciência surge e se desenvolve no processo de trabalho, na reflexão dos aspectos externos e internos, bem como nas relações que se entrelaçam na tessitura de suas práticas reais (AFANIASEV, 1968, p. 58).

A consciência é sempre socialmente mediada por alguma coisa e não é um sistema estático, mecanicista, mas se relaciona ao desenvolvimento da conduta voluntária. Não é a realidade que simplesmente *se reflete* na consciência, mas também o indivíduo que a reconstitui ativamente e nela interfere, produzindo uma nova versão da realidade externa e de suas próprias vivências (VIGOSTKI, 2004).

O professor é um ser em movimento, com valores, crenças e atitudes que constituem a sua identidade. Também estão presentes suas motivações, seus interesses e suas expectativas, além de seu projeto de vida, sua cultura e sua história, que determinam o modo de ser desse profissional. Quando se fala em identidade, diz-se que ela é construída, e o sujeito só é sujeito em suas relações com o outro, daí porque a identidade é relacional (SILVA, 2000).

Aliás, a identidade do professor é constituída em suas relações com seu trabalho, com sua cultura, com as instituições educacionais e com seus alunos. Uma identidade profissional perfaz-se a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais desta, da revisão das tradições, assim como da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas.

Consuma-se, ainda, pelo significado que cada professor confere à atividade docente em suas vivências, pelo seu modo de situar-se no mundo, pela sua história de vida, pelos seus saberes, pelas suas angústias e pelos seus anseios, enfim, pelo sentido que a opção de ser professor tem em sua vida. Portanto, a identidade relaciona-se intimamente com as formas que caracterizam as funções e os papéis sociais que assumimos e como reagimos diante deles: é pela e na atividade que se forma nossa identidade.

2 A identidade na perspectiva da psicologia social

Estudar identidade implica movimento, mediação entre o sujeito, a realidade social e política. Tendo isso em vista, o conceito de identidade será evidenciado nas perspectivas da psicologia e da sociologia, dado o seu caráter histórico, social e dialético com a realidade. Concorde os postulados teóricos de Ciampa (2005, p. 90), que aborda a identidade como categoria da psicologia social, a identidade “[...] concretiza-se na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa”.

Nessa perspectiva, a identidade é um constructo humano, conseqüentemente é social e mediada pelas relações que se estabelecem com o outro, com o mundo e pela atividade. É, portanto, dialética e edificada na relação do eu com o outro e com o meio. A identidade política conjuga a igualdade e diferença, e requer que o indivíduo busque associação a grupos, ideias, causas que lhes deem sustentação em seu processo de socialização, sem aprisioná-la a eventuais políticas de identidade impostas pelo grupo. Dessa forma, o indivíduo encontra espaço para o exercício de sua autonomia (CIAMPA, 2014).

Para o referido autor,

[...] a identidade passa a ser uma questão política, pois está imbricada tanto na atividade produtiva de cada indivíduo quanto nas condições sociais e institucionais onde essa atividade ocorre. É política porque a partir da análise aqui feita, somos levados a questionar que espaços, que

possibilidades nós nos permitimos – a nós e aos outros, sendo nós mesmos, nos transformamos, nos recriamos (CIAMPA, 2005, p. 12).

Por sua vez, Dubar (1997) concebeu identidade como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais estão inseridos) e biográficos (tratam da história, das habilidades e dos projetos da pessoa). Para ele, a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro. Não obstante, essa relação entre ambas é problemática, pois não se pode viver diretamente a experiência do outro, e esta ocorre dentro do processo de socialização.

Ciampa (1987) reconhece identidade como metamorfose, pois está em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social, e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento presume uma personagem. A personagem, para o autor, é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, sendo fundamental na construção identitária. Representa-se a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam em diferentes modos de produção identitária.

Nesse processo de transformação, o ser humano tende a se emancipar, dadas as condições materiais e objetivas de vida humana e social que contribuam para esse processo.

A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento, para o autor, é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, é fundamental na construção identitária: representa-se a identidade de alguém pelo movimento de sua atividade. As diferentes maneiras, papéis e atividades que o ser humano perpassa promover uma estruturação de novos modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença, assim a alternância das condições sociais de igualdade e diferença se acentua, pelas condições materiais da existência humana.

Na perspectiva de igualdade e da diferença anunciado por Ciampa (2005), quanto mais se desloca para uma situação de diferença, encontramos a igualdade, com isso, nos possibilita refletir o conceito de identidade humana, para o autor a identidade de uma pessoa não é biológica, mas é um fenômeno social, daí que de acordo com os papéis e atividades que vamos desenvolvendo e que constitui um movimento dialético entre o

humano e o social, entre o sujeito e natureza, promove transformações, o que culmina na articulação da igualdade com a diferença.

Os novos contextos sociais levam à necessidade de se ter em mente que a educação – que é um direito humano e é um bem público – permita às pessoas exercerem os outros direitos humanos e, assim, ela é essencial na compreensão, conscientização, demanda e luta por esses direitos. Evidencia-se hoje na vida social, no trabalho, nas relações interpessoais, como apropriar-se de conhecimentos que se torna cada vez mais necessário, uma vez que conhecimento é um dos determinantes de desigualdades sociais.

Para Carvalho (2011, p. 23) “[...]identidade é processo permanente de formação e transformação do indivíduo que ocorre com base em condições históricas, sociais e materiais, as quais podem levar ou não à emancipação humana”.

Identidade é, pois, movimento. Porém, uma vez pressuposta, é repostada pelos ritos sociais, passando a ser vista como algo dado e não como se dando. A reposição, portanto, sustenta a mesmice, que é a ideia de que a identidade é atemporal e constante: identidade-mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se *metamorfose* (CIAMPA, 1987).

O supracitado autor afirmou que a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável” (DUBAR, 1997, p. 104). Essa afirmação o aproxima de Ciampa (1987), quando inferiu que a identidade se constrói na e pela atividade. A identificação vem do outro, mas pode ser recusada para se criar outra. De qualquer forma, a identificação utiliza categorias socialmente disponíveis (DUBAR, 1997).

Portanto, na e pela atividade é que o indivíduo se constrói, sendo atividade a categoria ontológica do ser humano, pois a executa dentro de um processo, que envolve planejamento das ações e operações, transformando-se em atividade, e esse movimento transforma o ser humano, humanizando-o, possibilitando o alcance de novas possibilidades de vir a ser.

No processo de constituição da identidade ou formações identitárias, para Dubar (1997), são várias as identidades que assumimos, em um movimento de tensão permanente entre os atos de atribuição (que correspondem ao que os outros dizem ao sujeito que ele é e que o autor denomina de *identidades virtuais*) e os atos de pertença (em que o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adere às identidades atribuídas).

Enquanto a atribuição reflete a identidade para o outro, a pertença indica a identidade para si, e o movimento de tensão caracteriza-se, justamente, pela oposição entre o que esperam que o sujeito assuma e seja, e o desejo dele de ser e assumir determinadas identidades. Logo, o que está no cerne do processo de constituição identitária, em conformidade com o referido autor, é a identificação ou não identificação com as atribuições que são sempre do outro, visto que esse processo só é possível no âmbito da socialização.

Dubar (1997) sintetizou a constituição das formas identitárias a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico. O primeiro diz respeito à identidade para o outro, onde as transações assumem um caráter mais objetivo e genérico; o biográfico relaciona-se à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, e compreendem as identidades herdadas e as visadas. Desse modo, os processos relacional e biográfico concorrem para a produção das identidades. A identidade social é marcada pela dualidade entre esses dois processos e a dialética estabelecida entre eles, é o ponto central da proposta desse autor.

Sendo processo, a identidade define-se nas relações vividas no cotidiano. Pode-se dizer que sua construção ocorre à medida que nos vemos como pessoas, participantes de um grupo com características próprias, procuram nele uma identidade enquanto seres sociais e a constroem na individualidade como seres únicos.

Nossa formação como pessoas e como profissionais é influenciada pelos mais variados aspectos da vida humana: psicológicos, filosóficos, históricos, entre outros. A partir dessa influência, formamos nossa identidade, que influenciará a nossa vida profissional e pessoal, e intervirá em nossas vidas. A construção da identidade profissional é um processo de ressignificação em que o sujeito situado se constrói historicamente e socialmente, intercedido pela atividade.

A atividade que procuramos discutir aqui é a docente, que carrega significados e estigmas históricos de que é uma profissão para mulheres. Portanto, há uma forte tendência em feminizar a atividade docente, dado o pouco reconhecimento social da profissão. Nesse sentido, pode haver um distanciamento do professor em relação à sua própria atividade, repercutindo no pessoal, profissional e relacional.

Para Vigotski (2001) e Leontiev (1978), o homem possui uma essencialidade processual e histórica, o que explica o processo de constituição da identidade humana. Os autores esclareceram que o homem é um ser em constante transformação que vai se

diferenciando dos outros animais conforme desenvolve suas funções psicológicas superiores no processo interativo com o mundo.

As funções psicológicas superiores permitem ao homem continuar se apropriando do aparato cultural produzido historicamente pelas demais gerações, criando e desenvolvendo novos significados e sentidos. Essa relação interativa que caracteriza a atividade humana está em constante transformação, testemunhando declínios, desesperança, descrédito, crises e, ainda, as inúmeras possibilidades de vir a ser.

Na atividade docente, o professor ou profissional da educação, planeja, age, e materializa sua atividade, havendo fatores que possibilitam sua melhoria ou a sua fragilização de acordo com as condições materiais e reais em que realizam sua atividade. As condições materiais em que o professor realiza sua prática são aqui entendidas a partir de Marx enquanto *atividades sociais*, pois do contrário, seria apenas uma prática desprovida de sentidos, o que a tornaria meramente uma ação, determinando como o profissional se desenvolve, os sentidos produzidos, os modos de ser, de agir e pensar, desencadeadores de um processo em que atividade se traduz como mecanismo principal dessa transformação.

Dessa forma, a materialidade da atividade docente implica políticas públicas educacionais de qualidade que trabalhem a partir das necessidades formativas locais dos sujeitos envolvidos, a fim de que esta atividade seja realmente uma prática social e não alienada. Por isso, entendemos que as lutas de classes devem fazer parte do universo de vida dos educadores e profissionais da educação, objetivando melhores condições de trabalho, formação, desenvolvimento profissional e humano, sob um viés emancipatório.

Gadotti (2007, p. 65) deduziu que “o poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la quanto na possibilidade de construir um coletivo para lutar por uma causa comum”.

Essas causas em comum colaboram para a construção da profissão em um *continuum* processo de vir a ser, de transformar, de buscar a “maioridade”, de conhecer que a profissão docente se constrói de forma relacional, abarcando relações mais amplas, vislumbrando novas identidades, capazes de conceber a atividade como constituinte do humano.

Imbernón (2002, p. 27) assevera que que “[...] ser um profissional da educação significa participar da emancipação das pessoas, assim, o objetivo da educação é colaborar para que as pessoas sejam mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social”.

A concepção de Ciampa (2005) sobre identidade sinaliza para a possibilidade de pesquisadores estarem alerta à interdependência das políticas institucionais e à construção da identidade, tendo em vista que aquelas poderão abrir ou fechar espaços para metamorfoses, por meio do desempenho de papéis mais ou menos ideologizados, enquanto membros de uma instituição que é normatizadora e se desenvolve a partir de uma estrutura hierarquizante, e um espaço burocrático com proposta de tarefas rotineiras, o que impede ou pode, com seus aparatos de poder, não possibilitar espaços para o desenvolvimento profissional e pessoal.

No que concerne à identidade profissional do professor, pode-se dizer o mesmo na mediação entre o conhecimento produzido historicamente e o aluno. Mais do que isso: ele deve promover situações em que os estudantes sejam capazes de construir-se e se reconstruir mediante uma educação com bases científicas que garanta ao aluno um ensino mais significativo, estabelecendo relações com os espaços mais amplos – com a economia, a política, o desenvolvimento humano, social e histórico.

De acordo com Ciampa (1984, 2005), a identidade é consequência das relações que se dão, das condições destas – pressuposição/atribuição e reposição/reconhecimento –, e com a autodeterminação, podendo levar à construção de projetos de vida emancipatórios, que *metamorfoseiam* o ser humano.

Por conseguinte, a identidade não é algo pronto, acabado e atemporal, como muitos consideram, e sim, algo que está em um contínuo processo, de vir a ser. “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é e. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto, una” (CIAMPA, 1984, p. 61).

Considerações finais

A questão da identidade debatida até aqui traz a dimensão da história da psicologia social brasileira: compromisso ético com os mais pobres; luta por emancipação; organização social e comunitária. Dessa maneira, Ciampa (2005) aponta possibilidades de pensar a psicologia social sob uma interpretação crítica e, até certo ponto, regada por uma dose de otimismo com relação à vida social que levamos.

Mesmo diante dos desafios da colonização do mundo, da vida e do capitalismo flexível, a perspectiva teórica de Ciampa (2005) sempre aponta para uma saída que não é ingênua ou desnudada de crítica. Muito pelo contrário, pois esse autor está vinculado a

uma tradição da psicologia social brasileira que prima pela criticidade e pela ética no cuidado com as pessoas que sofrem com a opressão em sociedade.

Essa situação é defendida em sua tese de doutorado, *Estória de Severino e a História de Severina*, que retrata a conjuntura caótica de vida de milhares de nordestinos e brasileiros que convivem com a sede, a fome, a miséria e a “morte” simbólica e biológica, dadas as condições precárias de vida e impossibilidade de construir projetos de vida que venham a emancipá-los.

Compreende-se, pois, entre os autores, algumas diferenças e semelhanças no estudo do conceito de identidade. Entre as diferenças, destaca-se Ciampa (1984, 2007) que, como psicólogo, concebe a identidade enquanto metamorfose (constante transformação), destacando a história pessoal dos sujeitos, acompanhada pelo contexto histórico e social.

No caso de Dubar (1997, 2005), ele sintetizou a constituição das formas identitárias a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico. O primeiro diz respeito à identidade para o outro, em que as transações assumem um caráter mais objetivo e genérico; já o biográfico equivale à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, e compreende as identidades herdadas e as visadas. Desse modo, os processos relacional e biográfico concorrem para a produção das identidades, onde a identidade social é marcada pela dualidade entre esses dois processos, e a dialética é estabelecida entre eles.

Para Silva (2000), quando se fala em identidade, diz-se que ela é construída, e o sujeito só é sujeito em suas relações com o outro. Portanto, identidade é relacional, tem viés sociológico ao propor sua tese e consideração de que o outro, que o diferencia, forma a sua identidade, ou seja, a identidade forma-se pelos signos que a singularizam.

Desta feita, o pensamento de Ciampa (2005) oportuniza olhar um ser humano capaz de realizar um movimento para a emancipação, mesmo em situações de colonização do mundo da vida. Fazer sintagma, na ótica dessa teoria, é colocar a pessoa sempre em busca de possibilidades para abdicar da mesmice e metamorfosear-se em outra pessoa, preservando a si mesma não como essência, mas como condição de ser, ou de vir a ser no mundo e na vida.

Ciampa (2005) atravessou a relação dialética do social com o humano e político, que se transforma em uma vinculação de movimento e emancipação, de igualdade e diferença. Dessa forma, o meio social, as condições materiais de existência e construção da subjetividade se organizam de forma dialética na compreensão da conduta humana

como social e política, onde as determinações sociais do indivíduo perfazem a relação igualdade/diferença.

Contudo, para compreender a identidade docente, é necessário investigar o tempo, o espaço, o lugar de formação desse profissional, e que marcas são incorporadas e ressignificadas ao longo de sua carreira profissional. À vista disso, a trajetória percorrida na vida profissional igualmente registra situações positivas e negativas que interferem no desenvolvimento dessa identidade.

Portanto, a identidade do professor é desvelada/constituída em um movimento contínuo e mutável, influenciado por premissas internas e externas ao indivíduo, e assume o confronto entre o “eu” e o “outro”. Essas características são definidas por Dubar (2005) ao afirmar que as experiências oriundas das histórias de vida (identidade para si), as práticas docentes (identidade para o “outro”) e o desempenho do ofício (identidade visada) podem relacionar-se na constituição da identidade docente.

A identidade docente, marcada pelos significados sociais da profissão, é um processo dinâmico e constante por meio do qual o professor adéqua sua formação às exigências da atividade profissional. Diante disso, patenteia-se que um estudo sobre a constituição da identidade docente, considerando as dimensões individuais e grupais nas histórias de vida, poderá revelar as singularidades dos professores sobre a identidade docente, a maneira como se percebem como tais, suas vivências, o que sentem, como agem e pensam sobre a profissão, e apontar para a configuração de um novo significado profissional e social de ser professor, gerando novos sentidos para a profissão docente.

Referências

AFANASIEV, V. **Fundamentos da Filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina**:ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005. Livros 1, 2 e 3.

CIAMPA, A. da C. Identidade. *In*: LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58-75.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Fontes Martins, 2005. Cap. V.

DUARTE, N. Anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vygotsky e em Marx, e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e sociedade**, ano XXI, n. 71, p. 39-76, jul. 2000.

GARCIA, M. A identidade docente: constantes desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre a formação docente**, Belo Horizonte, n. 1, p. 109-131, ago./dez. 2009.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 85-90, ago. 1996.

GATTI, B. A.; BARRETO, E, S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

GADOTTI, M. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GÓES, M. C. A natureza social do desenvolvimento psicológico. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 24, p. 17-24, 1991.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e incerteza. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEONTIEV, A. N. **Atividade e Consciência**. Tradução: Marcelo José de Souza e Silva. Portugal: Editora Bons Livros, 1972.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. 1844. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PIMENTA, S. G. Formação de professores – Saberes da docência e identidade do professor. **R. Fac. Educ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1996.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 51-75.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 35-49.